



EDITORIAL

Geografias fora do eixo

No livro, intitulado *Geografias Fora do Eixo: por outras Geografias feitas com práxis territoriais*, organizado por Claudio Eduardo de Castro, José Sobreiro Filho, Marcos Aurélio Saquet e Janaina Francisca de Souza Campos Vinha, e publicado por meio de uma cooperação entre a Editora Liberdade e a EDUEMA, em 2022, foram publicados os primeiros resultados da rede de debates construída durante e no pós-pandemia do Covid 19.

Ali foram publicados 16 textos atentamente preparados por cada autor para o I Colóquio *Geografias fora do eixo: por outras geografias feitas com práxis territorial*, realizado durante os anos de 2020 e 2021, todos textos que foram debatidos por dois pares em sessões públicas, face-to-face, embora realizadas remotamente. Foram realizadas várias reuniões de planejamento, gestão e discussões, aprendendo juntos num nível que consideramos bastante horizontal.

Agora temos outra grande satisfação, a de publicar na *Revista de Geografia da UFPE*, textos também atentamente preparados, apresentados e debatidos durante o II Colóquio *Geografias fora do eixo e decolonialidade*, organizado por uma equipe da UEMA e realizado em maio de 2023, num formato híbrido, no qual tivemos duas mingas públicas para conhecer e debater os resultados dos nossos projetos de pesquisa, confrontando teorias, métodos, técnicas, opções políticas, resultados conseguidos e limites de cada concepção adotada.

Entre 2019 e 2023, no movimento de introspecção e reflexão conjunta, tivemos os seguintes objetivos: a) Comparar e diferenciar abordagens e concepções teórico-metodológicas das *Geografias (re)produzidas no Brasil* com base no conceito de território; b) Debater abordagens e concepções de

Geografias (re)produzidas fora do “eixo Rio-SP”, confrontando-as com estas últimas, identificando e explicitando identidades, limites, aplicações e diferenças (teorias, metodologias e práxis); c) Mapear as construções conceituais paralelas e marginalizadas no âmbito do debate sobre território e confrontá-las com os paradigmas hegemônicos; d) Analisar as práxis territoriais oriundas de ações coletivas contenciosas e o potencial explicativo dos instrumentais teóricos e correntes nacionais e internacionais; e) Propor agenda de pesquisa e publicação integrada através da organização de uma rede da práxis descolonial, composta por sujeitos de diferentes regiões do Brasil, considerando gêneros, temas, gerações, opções políticas e distintas teorias, justamente para tentar acirrar o debate e a profundidade da nossa produção científica e política.

Estamos trabalhando, portanto, num nível horizontal, transparente e contra-hegemônico, esforçando-nos para reconstruir teorias, métodos e técnicas, politizando a ciência, integrando-a aos saberes dos povos originários e também denominados de tradicionais, de forma sistemática, planejada e diretamente vinculada à nossa práxis cotidiana. Estamos tentando avançar na produção de conhecimentos cada vez mais úteis para as pessoas, em especial, para as classes populares e mais vulneráveis econômica, política e culturalmente, tendo como horizonte, também, o (des)envolvimento sustentável para todos.

Então, esforçamo-nos para nos integrar e aprender juntos, entre pesquisadores(as) e estudantes, com as gentes do campo, da cidade, das águas e das florestas, ensinando e aprendendo, pesquisado e cooperando, numa íntima relação entre universidade e território, ciência e sociedade. Por isto, a perspectiva descolonial é fundamental, porém, num âmbito teórico-prático, participativo, respeitoso, propositivo e coprodutivo de conhecimentos e soluções para as comunidades que sofrem e lutam histórica e geograficamente. Estamos nas universidades e em outras escolas e também nas ruas e bairros, nos estabelecimentos e aldeias, quilombos, com pescadores e demais sujeitos sociopolíticos de cada projeto de pesquisa que realizamos e coproduzimos.

Assim, temos clareza dos riscos e dos limites constantes, para qualificarmo-nos como sujeitos e servidores públicos, enfrentando os históricos dominadores acadêmicos e políticos, práticas mesquinhas e vazias de conteúdos teórico-práticos, subversivos, descoloniais e contra-hegemônicos. Já perdemos financiamentos, mas o que isto significa diante do trabalho feito com mente e coração, emoção e cooperação, contribuindo para resolver problemas da realidade que estamos inseridos?

Preferimos a caminhada lenta e o respeito, a pesquisa participante e ação participativa, a inserção social e o compromisso com os sujeitos de cada projeto, a convivência e o respeito com o outro, o trabalho de campo e a ancoragem nos territórios, escutando e observando, colaborando e pesquisando,

numa perspectiva que vai na direção da superação do eurocentrismo, do academicismo (retórico e burguês), do urbanocentrismo, do universalismo e das teorias e demais processos globalitários.

Recife, dezembro de 2023

Claudio Ubiratan Gonçalves

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e-mail: biragrario@gmail.com.

Marcos Aurelio Saquet

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), e-mail: saquetmarcos@hotmail.com.